



HOMOSSEXUALIDADE E FAMÍLIA EM CABO VERDE: UM ENSAIO PSICANALÍTICO

HOMOSEXUALITY AND FAMILY IN CABO VERDE: A PSYCHOANALYTICAL ESSAY

DOI: 10.5281/zenodo.20372900



Antonio José de Souza¹

Ida Kublikowski²

Elaine Pedreira Rabinovich³

RESUMO

Este ensaio é sobre a homossexualidade e a família em Cabo Verde por lentes da Psicanálise; a escrita implicada é do primeiro autor e a análise foi supervisionada pelas demais autoras. Para tanto, precisou-se escutar um cabo-verdiano gay, Sebastian (nome fictício), através do Método (Auto)Biográfico para alcançar os seguintes objetivos: i) compreender a construção identitária de si, através do “mergulho” na história de vida, engendrada na intimidade familiar e nas reverberações no cotidiano da vida; e ii) identificar os eventos/fatos marcantes no processo da construção de si como gay a fim de trazer à tona o que esses eventos/fatos fizeram e o que foi feito com suas repercussões. Essa imersão revelou o gay ostracizado da comunidade familiar por sua sexualidade negada; confirmando a hipótese de que as trocas relacionais na família são influenciadoras do processo da construção de si gay, no caso de Sebastian, no sentido da interdição; demonstrando que na intimidade familiar, não há o suporte para uma identidade gay afirmada, mas execrada e com reverberações excludentes no cotidiano situado em Cabo Verde – país tradicionalmente católico, espólio do passado colonial, desempenhando funções importantes na vida cultural e social, incluindo a família, figurada como pilar fundamental do desenvolvimento da pessoa.

Palavras-chave: Identidade gay; Família; África; Psicanálise; Pesquisa (Auto)Biográfica

1 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Pesquisador de Pós-doutorado em Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo – São Paulo – Brasil.

2 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo – São Paulo – Brasil.

3 Universidade Católica do Salvador: Docente do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Salvador – Bahia – Brasil.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

ABSTRACT

This essay is a reflective first-person writing on homosexuality and family in Cabo Verde through the lens of psychoanalysis; the writing involved is by the first author and the analysis was supervised by the other authors. To achieve this goal, it was necessary to listen to a Cape Verdean gay, Sebastian (fictitious name), through the (Auto)Biographical Method looking for the following objectives: i) to understand the construction of self-identity, through a “dive” into his life story, engendered in family intimacy and their reverberations in daily life; and ii) to identify, in the life story, the events/facts that were significant in the process of self-construction as a gay in order to bring to light what these events/facts did and what have been done with their repercussions. This immersion into Sebastian's life story revealed that the gay man was ostracized from his family community due to his denied sexuality; it was confirmed the hypothesis that relational exchanges within the family influence the process of constructing the gay self, in Sebastian's case, in the sense of interdiction (not being); and also demonstrating that within the family, there was no support for an affirmed gay identity, but rather one that is execrated before the condemning gaze of the Other with violent and equally exclusionary reverberations in the daily life of Cabo Verde. Cabo Verde is a small and traditionally Catholic country, with a legacy of a colonial past playing important roles in cultural, social and religious life, including the family, which is seen as a fundamental pillar of the development and formation of the person.

Keywords: Gay identity; Family; África; Psychoanalysis; (Auto)Biographical research

1. NOTAS CONTEXTUAIS DE UM BRASILEIRO EM CABO VERDE/ÁFRICA

Quando eu cheguei em Cabo Verde, especificamente na cidade da Praia – capital daquele país, localizada na Ilha de Santiago – o sol se fazia notar pela fúria, quentura e claridade descomunal. Parecia, em certa medida, que eu não havia deixado o meu Sertão Baiano também de calor febril e abrasante. Do aeroporto até a habitação, alugada para a minha estada de um mês, a paisagem era árida como se tivesse saído de um dos livros de Rachel de Queiroz (1910-2003) ou trasladada do cenário de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, importante filme do baiano Glauber Rocha (1939-1981). Nesse sentido, Cabo Verde parecia ser um torrão das cercanias nordestinas de inclemente estiagem, mesmo agarrada ao Atlântico. Um Sertão-arquipélago onde quase não se chove ou se arrefece o sol do dia, direcionando as areias desérticas do Saara. A mesma escassez hídrica de vegetação ríspida e intransigente do Semiárido-continental, dava-me a impressão de permanecer no Brasil estando em África.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Tinha o assombro por efeito do *déjà vu*. A extrema familiaridade de ver a novidade por olhos do já visto e vivido. Eu firmava os pés no chão antigo do Continente Africano pela primeira vez, sentindo-me – ao modo descrito pelo educador Paulo Freire (1921-1997), em sua viagem à Tanzânia – “[...] como quem voltava e não como quem chegava [...] como algo que eu revia e em que me reencontrava.” (2011, p. 13).

Quando me vi atracado ao lado extremo da minha terra-natal, não tinha qualquer propósito de comparar o Nordeste brasileiro à Cabo Verde, mas, inevitavelmente, eu estava encharcado da brasilidade óbvia ou da convicção de que, tal nascença, constituía-se dos empréstimos materiais e imateriais provindos dos(as) africanos(as) trazidos(as) ao Brasil de arbítrio luso com implicações no contemporâneo (Munanga, 2009). Desconhecia, inclusive, a existência do livro do sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura de constantes portuguesas de caráter e ação* (1953). A obra, de título longo, é resultante da peregrinação de Freyre à Portugal e, à época, as colônias portuguesas. Trata-se, sobretudo, do gênero diário de viagem, escrito em fluxo contínuo no qual pensamentos e reflexões são registrados entre os anos de 1951 e 1952 (Bastos, 2015).

A bem da verdade, segundo Arenas (2010) – sobre o referido livro, o sociólogo brasileiro dedicou poucas páginas para o registro das culturas visitadas por ele em África, quer dizer, de um compêndio narrativo com mais de 500 páginas, algo por volta de 160 são reservadas às territorialidades africanas. A maior parte foca na experiência de Freyre em Portugal e Goa – território litorâneo da Índia de imbricações históricas como colônia portuguesa. As culturas africanas são demonstradas na obra por comentários comparativos, vias de regra, com o Brasil; esse cotejamento acontece de modo nerval no encontro de Freyre com Cabo Verde, sublinhando, amiúde, a paridade Cabo Verde e Nordeste brasileiro com prejuízo para o país insular – que é particularizado no veredito de Gilberto Freyre como insuficiente ante o Brasil. Posto isto, apregoa a falta de uma arte popular e um prato regional que caracterizem o arquipélago. Diz, ainda, que a pequena ex-colônia era africana demais e pouco europeia, ou seja, luso-tropical de menos (Freyre, 1953).

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





O que me levou à Cabo Verde foi a curiosidade científica sobre temas, suscitados no meu projeto de doutorado e mantidos no pós-doutorado com ênfase nas relações familiares para, posteriormente, cotejar com os dados de pesquisas realizadas no Brasil. Traçar um paralelo estritamente empírico não fazia parte da finalidade, no entanto, a experiência de viver e ser parte do cotidiano caboverdiano, abriu-me para correspondências inevitáveis que merecem registro neste início e, definitivamente, não se aproximam do raciocínio hierárquico, eurocêntrico e racista de Gilberto Freyre.

Explico melhor: Cabo Verde me conectou à descendência desconhecida e à saudade imprecisa e ilógica (no primeiro momento), catapultando-me para sua História complexa por enlases subjetivos quase incapturáveis. E, por consequência, pude confraternizar com as pessoas dali; sentir a música e os tambores retumbando em noites de ventos soturnos; deleitar do fruto doce comercializado à beira do caminho estreito, largo, íngreme, plano, vazio e densamente ocupado por pessoas disponíveis à vida; ver as cores idílicas saltarem das feiras livres para adornarem os casarões e prédios simpáticos, contornados, com esmero, pelas águas costeiras de azul inexprimível quanto é indizível, por palavras, o experienciado na presença do Outro tão familiar.

Tive contato com o “[...] que os colonizadores não conseguiram matar, por mais que se esforçassem para fazê-lo, tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava.”, escreveu Paulo Freire (2011, p. 14) o que eu poderia ter dito. O encontro com o pertencimento foi ainda mais sanguíneo quando ouvi o léxico do Criolo, idioma original – em relação ao português de Portugal. Aliás, Gilberto Freyre expressou “ojeriza” ao Criolo, denominando-o como “dialeto” de Cabo Verde (Arenas, 2010).

Para mim o Criolo chegou na forma inesperada de ser reconhecido como parte do local – visto que, ao me imputarem uma caboverdianidade, falavam em Criolo. Eu, particularmente, gostava disso, porque, Cabo Verde pareceu ser o entreposto factual e a encruzilhada por onde passou uma parte da História que me tornou pessoa racializada.





2. MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO, PSICANÁLISE E O ENSAIO

Imerso nesses fenômenos, avantei a possibilidade de dar continuidade a minha pesquisa de doutorado (Souza, 2023), na qual me debrucei sobre a identidade negra e *gay* na relação intrínseca entre o Eu e o Outro (na família e no mundo). Identidades situadas em um contexto conflagrado no qual se exige do negro e *gay* tomar consciência de si. No mencionado estudo, optei por grafar, no texto, *negrogay* como um único termo por unificar experiências estigmatizantes oriundas do processo de racialização das relações sociais que, quando imbricado com a homofobia, reproduz na contemporaneidade o passado violento de um Brasil empenhado na constituição idealista do homem-de-verdade (Souza, 2023).

A hipótese de partida versava sobre os intercâmbios familiares como influenciadores do processo da construção de si *negrogay*, quer dizer, no sentido da emancipação (ser) ou da interdição (não ser), posto que um *negrogay* passa por uma relação persecutória entre a subjetividade e o corpo, compondo as vicissitudes de si. A hipótese ainda dizia que a pessoa *negrogay*, na intimidade da família, não tem inicialmente identidades positivas as quais possa afirmar, tratam-se de identidades rechaçadas sob o ponto de vista do Outro, contudo, o esforço dialético do Eu e do Outro é parte do processo da construção de si *negrogay* (Souza, 2023).

Em Cabo Verde, tentei encontrar homens *gays*⁴ dispostos a serem entrevistados por mim, tendo como objetivo: i) compreender a construção identitária de si, através do “mergulho” nas suas histórias de vida, engendradas na intimidade familiar e nas reverberações no cotidiano da vida; e ii) identificar, nas histórias de vida, os eventos/fatos marcantes no processo da construção de si como *gay* a fim de trazer à tona o que esses eventos/fatos fizeram e o que foi feito com suas repercussões. O esforço em garimpar participantes para a

4 Nos critérios de inclusão dos participantes do estudo em Cabo Verde, preferi suprimir o aspecto racial por notar que naquela sociedade a questão racial difere da brasileira – onde se discute e complexifica o que é ser negro. Notei que em Cabo Verde a origem africana, percebível para além da cor da pele, é majoritária quando comparada à ascendência europeia, o que faz o arquipélago ter uma das populações mais miscigenadas entre todas as nacionalidades. Pareceu-me que a consciência de si passa por se identificar como africano ou português e, nesse sentido, tem-se uma questão racial no qual definir-se (ou não) como um afro-cabo-verdiano é o ponto (Henriques, 2016). Por essa razão, foquei na (homo)sexualidade.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

pesquisa foi hercúlia, contando com o auxílio das pessoas que faziam parte do meu pequeno círculo de conhecidos. Contudo, consegui, apenas, uma pessoa decidida a conversar comigo, o jovem Sebastian⁵.

A explicação para o não aceite ao meu convite, por parte da maioria contactada, talvez esteja no fato da comunidade LGBTQIAP+⁶, na ilha de Santiago, em Cabo Verde, acarretar objeções, como: discriminação, ausência do reconhecimento legal e do esteio social. Ali, casais do mesmo sexo e famílias encabeçadas por homoafetivos não gozam dos mesmos direitos legais que têm outros casais. Nas franjas dessas dificuldades legais, estão as sociais; nesse contexto, as práticas homofóbicas (tanto verbal quanto física) são corriqueiras. Evidentemente que o legal e o social se retroalimentam, pois, a aversão acontece na vida privada (familiar, por exemplo) e no público, apesar de Cabo Verde ser um dos poucos países africanos que não criminaliza o relacionamento homossexual (masculino e feminino) e a sua capital, a cidade da Praia⁷, ser mais liberal quanto aos(às) LGBTQIAP+.

Finalmente, a história de vida de Sebastian será analisada e sistematizada, à luz de elementos teóricos da Psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939). Evidentemente que não posso chamar a entrevista aplicada na interação com Sebastian de pesquisa psicanalítica *stricto sensu*, porque não foi trabalhada “[...] numa relação interna com a clínica, esta dimensão inalienável da pesquisa psicanalítica.” (Naffah Neto; Cintra, 2019, p. 26). Nesse sentido, este estudo, tem a perspectiva que associa a psicanálise aos processos sociais e culturais, por isso uma pesquisa em Psicanálise (Naffah Neto; Cintra, 2019), estruturada na pesquisa qualitativa que se delineia a partir do método (Auto)Biográfico, desenvolvido por meio de entrevista narrativa, para abordar a história de vida do protagonista e objeto de análise: o jovem Sebastian.

5 Pseudônimo em alusão à juventude e beleza do santo católico São Sebastião, cuja história é lida por parte da comunidade *gay* a partir da própria experiência de viver em um corpo transpassado por agonia e o sofrimento; experiências ressoadas nas amarras e setas da homofobia. Um adendo: Sebastian é um jovem afro-cabo-verdiano.

6 Sigla que identifica pessoas que são lésbicas, gays, bissexual, transexual, *queer*, intersexo, assexuada e outras identidades constituintes da vastidão própria das sexualidades.

7 São Vicente é considerada a ilha mais favorável à comunidade LGBTQIAP+ de Cabo Verde.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Quem faz pesquisa (Auto)Biográfica se entrega à escuta do Outro, pois está presente e, assim, “vê” e reconhece esse Outro. É um escutar/ver radicalmente sensível que chega a “olhar” para dentro de quem fala de si, possibilitando alcançar a compreensão que não julga, não mede, mas se preocupa em escavar os sentidos escondidos nos ruídos vazados, nos lapsos narrativos, nos gestos de hesitação, na perplexidade da boca entreaberta, no silêncio intervalar ou na verborrágica forma de enfileirar palavras pronunciadas entre o espaço da boca que diz e os ouvidos que escutam. O ‘entre’ é a fissura de acesso à voz singular, traduzindo a emoção empreendida no ato de reviver a memória de quem, ao contar de si, conta sobre os Outros amontoados dentro de si (Barbier, 2007; Evaristo, 2022).

Essa fissura aberta à subjetividade da pessoa é um facho iluminando a experiência do vivido, sentido e, em regra, do “esquecido” ou reprimido, revelando-se à consciência pelo (não)dito. A revelação incide de modo precípua na consciência de quem, concatenando sobre si, segue um percurso (auto)biográfico sem mapa ou bússola, apenas receptivo às revelações. O uso da (auto)biografia tem na fala de si a pulsão para além do método (Auto)Biográfico, posto que é enfático na fala e escuta como vias de (auto)análise e (auto)conhecimento (Rabinovich; Silva; Souza, 2020).

Essas questões dizem respeito, também, à pesquisa em Psicanálise, posto que é uma pesquisa-escuta-investigação. Isto posto, na Psicanálise, “[...] nada é passível de replicação, ou seja, um mesmo acontecimento não se produz nunca mais do que uma vez, na medida em que ele nunca pode ser reduzido a componentes [...] passíveis de controle e replicação [...]”, reiteram Naffah Neto e Cintra (2019, p. 26). Em suma, a Psicanálise, enquanto ciência, é definida como uma ciência da singularização, tendo como procedimento elementar a atenção ao processo de transmutação dos sentidos.

Nessa lógica, este ensaio, ao assumir o Método (Auto)Biográfico, por lentes psicanalíticas, revela o ser humano envolto na dependência de se constituir e se reconstituir quanto profusão de sentido em metamorfose ininterrupta e, em função disso, poder narrar a sua vida a alguém (que o escuta) é parte impreterível. Assim sendo, a análise/interpretação do

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





que é narrado envolve, bem como na Psicanálise, a incumbência quase inexequível de evocar e elaborar os sentidos para o que, na origem, é *sui generis* (Naffah Neto; Cintra, 2019).

Finalmente, este estudo segue um contorno ensaístico por imputar-se a ‘liberdade de espírito’ própria da literatura (parente próxima do ensaio), de tal modo, proponho reflexões pessoais, mediadas por quem postulou antes, pensou antes e, conseqüentemente, pode oferecer respaldo. Não parto do zero, escrevo com base no que está posto, sem negligenciar, evidentemente, o modo como digo, interpreto, analiso e comunico as coisas do mundo (objetivo-subjetivo) a que tenho acesso (Adorno, 2003).

É um ensaio como forma de falar das pessoas, expondo os objetos da reflexão, a saber: homossexualidade e família (em Cabo Verde) por enfoques interpretativos da Psicanálise. É entusiasmante poder pensar sobre tais objetos com a certeza de não ter chegado ao fim último, mas tomando de empréstimo conceitos fundamentais e sendo cúmplice à disciplina acadêmica – contraditório, eu sei! Enfim, um ensaio para dizer que estou no processo de pensar. Estou, aqui, pensando.

3. PRIMEIRA ANÁLISE: EU SOU A ABERRAÇÃO DA FAMÍLIA

“[...] quando eu assumi a homossexualidade, me expulsaram de casa. Eu sou a aberração da família.” (Sebastian, 2024).

A epígrafe traz o fragmento da fala de Sebastian, suscitando a fricção família-homossexualidade no ato da assunção de si como *gay* e, por isso, transformado em aberração. A escolha da palavra ‘aberração’, ilustra bem o drama de quem se percebe desviado do padrão e moral formulados pela família. A não correspondência torna-o uma excrescência problemática e a fonte de sofrimento, proveniente, segundo Freud, de três fontes: prepotência da natureza, a fragilidade do corpo e da inadequação, “[...] das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade.” (Freud, 2010, p. 29).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

A fonte do mal-estar é a secessão que a comunidade familiar lhe impõe por já não servir aos ideais culturais; pode se inferir, então, que o acolhimento familiar é possibilidade de felicidade – o contrário também é verdadeiro. Afinal, Freud, na apresentação de seus casos clínicos, insiste em apontar a relação do(a) paciente com sua família, corroborando a imbricação dos sintomas aos sintomas familiares e ao lugar ocupado (ou não), pelo(a) paciente, nessa estrutura comunitária; firmando a família como relevante objeto de pesquisa e estudo, desde o início da Psicanálise (Chaves; Carvalho Filho, 2014).

No livro, oriundo da minha tese, *Tornar-se negrogay: a história de vida de um homem-professor situado e “sitiado”* (Souza, 2023), apresento os resultados da análise feita do material autobiográfico do personagem principal do estudo, R. Bovary (nome fictício), confrontando a família em seu papel imprescindível na construção das identidades. Bovary foi uma criança violentada pelo olhar do Outro que o transformou em objeto, deixando-o com medo e vergonha de assumir-se negro e, principalmente, *gay* dada a estigmatização pública do ser-*gay*. Ele (Bovary) é alcançado por uma estrutura discriminatória que o situa na elaboração das significações singularizadas a partir das coisas do mundo, objetivando-se em ações e significações próprias do homem historicizado (Souza, 2023).

Esse preâmbulo é para confirmar que as experiências de infância estão atreladas às relações iniciais, como as que vivemos em família. Funcionamos como funcionamos, quer dizer, os fundamentos do que somos, vêm de fora-e-dentro ou melhor: vêm no ‘entre’ – entre-família – nas experiências de vida familiar, cultural, social (circunstâncias externas) e nos componentes biológicos, orgânicos e hereditários (circunstâncias internas). Assim, a teoria freudiana demonstra haver no trânsito exterior-interior (no qual a família é prevacente), explicações para o que somos: um indivíduo submetido ao poder de uma comunidade (Estevão, 2021; Freud, 2010).

Não à toa, Sebastian, ao principiar a contação de sua história de vida, o faz pela família, deixando escapar a crença de Freud (2011, p. 11), “[...] de que os primórdios da sua formação podem ser encontrados num círculo mais estreito como o da família.”. Assim, tal o livro bíblico do Gênesis, que narra o princípio da Humanidade, Sebastian constrói o seu mito

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

inicial no qual a casa-familiar é o Jardim do Éden, a homossexualidade é a serpente, o fruto proibido da árvore do conhecimento é o ato de se assumir *gay* e ele próprio a fusão do macho-fêmea expulso do paraíso. Disse-me ele: “[...] quando criança era tudo legal. Eu era o queridinho da família, o bonzinho da casa, todo mundo gostava de mim, mas depois que eu assumi quem eu era [*gay*], aí tudo foi por água abaixo.”. O que se seguiu a expulsão foi a vergonha e a angústia na presença do Outro.

A questão da anatomia (genitália masculina) é um marcador do lugar simbólico que Sebastian ocupou em sua família. Enquanto a concepção de genitalidade estava em concordância com a expectativa de normalidade dos pais e familiares, ele permanecia nas graças daquela comunidade. Mas, como sabemos uma pessoa não tem a sexualidade e o gênero atreladas às características anatômicas (Estevão, 2021). Daí, a aberrância e a exclusão.

Quando eu retomo as minhas lembranças mais primitivas o “[...] que me vêm à mente estão fundamentalmente atreladas à [...] família [...]” (Souza, 2023, p. 55), de modo que muitos dos aspectos da minha personalidade e do meu comportamento, na fase adulta, são reverberações do passado. Por exemplo, o fato de viver uma homossexualidade afirmativa tem, sobremaneira, vínculo com o modo afetuoso que minha mãe escolheu lidar com a sexualidade do filho caçula. Contudo, apesar da proteção da minha mãe, eu não escapei ao fenômeno da vergonha na tenra infância, pois, “[...] com pouca idade, a vergonha da própria existência começava a me exaurir e [...] a alcunha “*viadinho*” me acompanhava [...]” (Souza, 2021, p. 72-73, grifo do autor). Evidentemente, não saí ileso dessa experiência.

Sebastian, enquanto parte do seu Éden-familiar, obtinha a proteção dos membros da família. Ao lembrar do período escolar, ele descreve situações de violência protagonizadas por crianças que o batiam, apedrejavam e xingavam com apelidos de sentido pejorativo e alusivos aos seus trejeitos efeminados. A reação dele era beligerante o que fazia ser levado à sala da Direção e os familiares advertidos. Compartilhou-me:

“[...] sempre que chamavam minha família na escola, eles [os familiares] iam lá e me defendiam. Na escola sempre minha família me defendeu, mas aí, quando eu cresci, que eu assumi minha sexualidade perante a sociedade, foi diferente. [...] eu

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





sou a vergonha da família. Ninguém me quer por perto. A minha mãe não fala comigo, a minha vó e o meu pai me bloquearam [...]” (Sebastian, 2024).

A fala de Sebastian recai na memória de um conflito familiar sobre a sexualidade. O que se lê é uma gama de experiências que parecem suportáveis (para a família) se mantidas em recálque, mas tidas como insuportáveis quando expostas ao escrutínio social, aleijando sua imagem ante a moral construída no seio familiar e da sociedade. A (homo)sexualidade de Sebastian é hostil aos membros de sua comunidade e isso é central para o surgimento da neurose de vergonha (Estevão, 2021).

Sebastian foi alcançado por uma estrutura discriminatória que o situou na elaboração das significações singularizadas a partir das coisas do mundo que impõem modelos estigmatizantes, tornando-o homem historicizado e atravessado pelo ideário do ‘homem de verdade’, no caso, hétero. Esse perigoso ideário está, de modo igual, focado na família de Sebastian, gestando sentidos contraditórios: os emancipatórios (o-ser) e os sentidos predatórios (o-não-ser). Acontece que, nesse contexto, a identidade *gay* não é positiva a qual possa ser afirmada, pelo contrário, é rechaçada sob o ponto de vista do Outro que, também, lhe é familiar (Souza, 2023).

“[...] eles [os pais] sempre falavam: ‘não, meu filho não é gay’. ‘Ele não é gay’. Sempre falavam isso, sempre brigavam. ‘Não, ele não é gay, ele é hétero, ele tem uma namorada’, sempre era assim. Eu tive uma família. Eu tive uma família até quando tive 18 anos de idade. E é assim, eu sinto muita falta. Mas, fazer o quê? A sociedade é assim e eu não posso mudar o que Deus fez, né?” (Sebastian, 2024).

A historiadora francesa, Élisabeth Roudinesco, no seu livro *A família em desordem* (2003), coloca à ribalta as experiências de homens exilados em si mesmos e condenados a serem marcados e expostos a uma insanidade de hospício demasiadamente infeliz por ter uma homossexualidade vergonhosa e miserável. Por consequência, deu-se a obrigação de anunciar à família incrédula que havia, no seu meio, um ser sem perspectiva de existência (Roudinesco, 2003). Sendo assim, é tangível a obviedade de que a travessia de Sebastian pela infância é uma travessia tenebrosa, porque desde a mais tenra idade, existia o sentimento de pertencer à casta dos indesejáveis ou como ele mesmo destaca, a da vergonha: “[...] eu sou a vergonha da





família. Eu vim ao mundo para estragar a família. Para cortar o laço familiar. Até agora eu sou visto como a aberração da minha família. Até na sociedade também é assim.”.

Parece-me que quando Sebastian resignado expressa: “[...] eu não posso mudar o que Deus fez, né?”, alude qualquer coisa sobre ‘Deus’ ser a origem da homossexualidade; quer dizer: Deus como criador de tudo, criou, igualmente, a homossexualidade. Eu já disse em outro estudo, que me desagrada o intento de se desvendar a “origem” da homossexualidade. A minha aversão por tal propósito é “[...] por desconhecer a existência de uma averiguação alvoroçada em descobrir as causas da heterossexualidade [...] é cansativa a insistência do homossexual enquanto o ‘outro’, o ‘invertido’, o avesso do ‘normal’ [...]” (Souza, 2023, p. 118, grifos do autor).

À vista disso, regozija-me a descoberta de que Freud, homem de outro século, enxergava a ideia da “cura gay” como um contrassenso; ressaltando não haver na homossexualidade motivo para se ter vergonha, pois não se tratava (não se trata!) de um vício nem doença (Carvalho, 2022). Freud, apesar de médico e de usar a expressão “gênese” da homossexualidade, escapa às explicações correntes de sua época que pretendiam elucidar a homossexualidade por argumentos pendulares: “[...] ora biologizante (hereditarismo, imperfeição congênita, irregularidade hormonal), ora social [...] na compreensão de que a homossexualidade seria uma aberração orgânica, propensa a transtornos cognitivos, comportamentais e de personalidade [...]” (Souza, 2023, p. 118). Seja como for, nos dois casos a homossexualidade (a “anomalia”) poderia ser “corrigida”.

Freud considerava a homossexualidade uma implicação originária da bissexualidade pertencente a todas as pessoas. Para ele, diz o escritor Alexandre Carvalho (2022, n.p.), “[...] pelo menos no nosso inconsciente, somos todos bissexuais, e projetar uma personalidade homo ou heterossexual só depende de como a repressão atua na nossa mente.”. Nesses termos, um homem hétero seria alguém que reprime o feminino que há em seu horizonte psíquico; já os homens gays não reprimem, apesar de todo o contexto patriarcal-machista, impondo os valores da masculinidade. Nesse sentido, eu defendo, na minha tese, já mencionada, que: “[...] ninguém nasce homossexual ou heterossexual; tornamo-nos, no âmbito da sexualidade, homo,





hétero e mais outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero que existam [...]” (Souza, 2023, p. 119).

Atualizando tal defesa e apoiando-a no glossário psicanalítico freudiano, no caso dos homens *gays*, a sexualidade homossexual aconteceria por consequência da escolha/identificação do objeto sexual, isto é: por quem a pessoa se sente atraída; prevalecendo, então, a fixação infantil na figura materna, conjugada à desilusão com o pai (Carvalho, 2022). Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (2011, p. 50) diz que, em grande parte dos casos, a homossexualidade masculina é uma ligação longa e intensa com a mãe, “[...] no sentido do complexo de Édipo. Mas por fim, após a puberdade, chega o tempo de trocar a mãe por um outro objeto sexual. Então, [...], algo sucede; [e não se] abandona [a] mãe, mas se identifica com ela, transforma-se nela [...]”.

Está aí uma forma positiva de se descortinar algo referente à existência, através do despertar da homossexualidade pela admiração à mãe e não pelas famigeradas e antiquadas anotações acerca de um suposto desajuste hormonal ou ascendência de uma mãe dominadora ou, ainda, um pai ausente (Souza, 2023). Eu, na infância – por exemplo, gostava de manifestar benquerença a minha mãe escrevendo-lhe cartas, como as que eu relembro no trecho abaixo:

[...] cartinhas ilustradas com desenhos e traços e contornos típicos de criança imaginativa, feliz em ter a mãe capturada no retrato pintado. Eu a desenhava linda, de cabelos frondosos e encaracolados, boca farta e vermelha, olhos grandes e pele marrom-amarelado-encorpado. (Souza, 2021, p. 71).

Fico satisfeito que, com tão pouca idade, eu tenha feito uma escolha importante; projetando para o mundo o feminino herdado de minha mãe a quem me deu muitas possibilidades ‘de ser’ um homem vasto – ontem e hoje.

4. SEGUNDA ANÁLISE: A FAMÍLIA É TUDO

“[...] para mim, ter uma família é tudo, né? Perante uma sociedade machista [...] ter uma família é tudo aqui em Cabo Verde, para uma pessoa gay, né? Isso é tudo.” (Sebastian, 2024).





Sebastian é categórico: “[...] ter uma família é tudo [...] em Cabo Verde [...]”. Sua ênfase encontra respaldo em estudos acadêmicos que demonstram a relação em ser parte de uma família e ser capaz de constituir a própria família; ser-de e ter-uma família “[...] resulta do facto de ela ser considerada o lugar de estabilidade e referência identitária, emocional e financeira para os cabo-verdianos.” (Fortes, 2015). E isso é tudo. Em Freud (2011) a totalidade da família pode ser ilustrada na correlação desta com a Igreja e o Exército – exemplos de grupos de pessoas em situações de massa. Na Igreja, aqui o catolicismo como modelo, e no Exército há a reprodução (ilusória) de um chefe supremo: na Igreja, o Cristo, no Exército, o generalato. Dessa crença tem-se o visgo que torna os indivíduos agregados no mesmo sentimento do todo-familiar.

Não é sem profunda razão que se evoca a semelhança entre a comunidade cristã e uma família, e que os crentes se denominam irmãos em Cristo, isto é, irmãos pelo amor que Cristo lhes tem. Não há dúvida de que a ligação de cada indivíduo a Cristo é também a causa da ligação deles entre si. Algo parecido vale para o Exército; o general é o pai, que ama igualmente todos os seus soldados, e por isso eles são camaradas entre si (Freud, 2011, p. 36).

Se a Comunidade Cristã e o Exército são, para Freud (2011), ‘massas artificiais’, é pela tática da coibição empregada no sentido de asfixiar qualquer ameaça de dissolução que, portanto, evita mudanças estruturais; daí o ato de desligar-se dessas ‘massas’ é desestimulada ou punida. O simulacro de unidade requer a pródiga ligação afetiva identificada na família. É essa ligação que Sebastian perde quando fora flagrado no rompimento “aberrante” com o projeto de homem pretendido e antecipado por sua família. No lugar da masculinidade varonil, uma homossexualidade ruidosa. Sem haver meios para recalcar ou combater tais tendências “antinaturais”, deu-se o desligamento sumário.

Há um paralelo possível entre Sebastian e o personagem principal da minha tese (Souza, 2023), R. Bovary – os dois são feridos e desmembrados. Este último crescera com medo de decepcionar a família; afinal, ele não enunciava interesse em namorar meninas, mas diante da intimação e intimidação, começou a namorar. Não por uma vontade, sobretudo como um subterfúgio. Precisava permanecer à altura das aspirações alheias. Rejeitava-se por



sua completa inaptidão em reproduzir o bê-á-bá da masculinidade vigorosa do pai e a masculinidade pujante, nos modos paternos, do irmão – o primogênito do pai.

Ele, R. Bovary, enxergava-se “anormal” como se fertilizado fosse no sêmen feminino, gestado no receptáculo da mãe e, ali, tornado “inadequado” no escuro ventre materno, por isso: “Nascera sem pai, embora o tivesse soberano [...] no pequeno reino que era a sua casa [...] sentia-se valer menos que a potência viril do pai; menos que o irmão-filho-homem-do-pai.” (Souza, 2023, p. 130). Sentiam-se, Sebastian e Bovary, potestades decapitadas, pois, nos seus afetos edipianos⁸ a influência do feminino superabundava, ameaçando a cabeça do rei-homem. Feridos na masculinidade hereditária, restam-lhes ‘cair fora’.

“[...] sempre mantive relação sexual com homem. Sempre, mas eu não fazia às claras, eu fazia escondido, né? Hoje eu tava com um, amanhã com outro. Aí eu conheci ele... e quando a gente deu nosso primeiro beijo, ele tirou uma foto e postou na rede social. Minha família viu e [...] depois de tantas partilhas, tantas pessoas criticando, minha família chegou em uma conclusão e eu caí fora.” (Sebastian, 2024).

Sebastian relata, acima, a exposição pública da sua homossexualidade nas redes sociais. Fora expulso, dessa vez, do “armário”. Quer dizer, no vocabulário *gay* “sair do armário” é metáfora para a escolha pessoal de se assumir publicamente a orientação sexual ou identidade de gênero. Episódio parecido aconteceu ao escritor *gay* Édouard Louis (2023) quando teve sua homossexualidade devassada em alto e bom som por seu irmão na presença da mãe. Ele conta: “Fiquei com raiva do meu irmãozinho por ele ter revelado, na sua frente, algo sobre mim, [...] sobre o meu sofrimento. Não queria que você soubesse quem eu sou. Nos primeiros anos da minha vida, vivi com medo de que você me conhecesse.” (Louis, 2023, p. 8).

Manter a homossexualidade como um hóspede indesejável, recluso no escuro do “armário”, demonstra a hesitação em se exteriorizar ante o olhar alheio. Tanto Sebastian quanto Édouard Louis e Bovary, cresceram agindo por medo; medo de avançar sendo no

8 ‘Afetos edipianos’ no sentido utilizado pelo Édipo freudiano, construção baseada no mito grego do Rei Édipo que, resumidamente, ama sua mãe (Jocasta) e mata o seu pai (Laio), cega a si próprio e abandona o lar; representando o mito que a criança cria sobre quem ela é na relação com os pais (Estevão, 2021).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

mundo um corpo que lhe é estranho. Um corpo tão “antinatural” que é degredado da História. Eles (mas, também, eu) atravessaram quadras importantes das suas histórias de vida sob pressão apavorante de serem expostos e espelhados no olhar do Outro. Ao cabo, a presença desse Outro, vendo com olhos devoradores o que se esconde, é a confirmação do inferno de Sartre: “[...] inferno... são os outros [...]” (Sartre, 2001, p. 45), aludindo o aprisionamento entre as “paredes” do olhar condenatório. Nesse ‘olhar’ tem-se, ainda que momentaneamente, a subjetividade sequestrada e tornada objeto de julgamento (Souza, 2023).

Falando em inferno... o Santo Ofício e os seus tribunais da Inquisição que, alojados na Bahia e em Pernambuco, entre os anos de 1591 e 1620, puniam o pecado de sodomia – em alusão à cidade do Velho Testamento, Sodoma, na qual habitava toda forma de devassidão. No período do Brasil colonial a sodomia era a prática da homossexualidade, sendo, depois da blasfêmia, o pecado mais hediondo e horrendo aos olhos de Deus e execrável, inclusive, ao Demônio. A sodomia provocava a ira do Céu e do Inferno, devendo ser castigada à altura com morte nas chamas impetuosas da fogueira inquisitória (Mott, 1988; Souza, 2023). Sebastian, não teve o castigo da fogueira, mas fora expulso de casa e passou a dormir na rua; o seu inferno deveria ser suportado ali, ante o encarniçamento social, atestou-me: “[...] na sociedade eu sou muito criticado. As pessoas me perseguem, jogam pedra, jogam garrafa [...] se eu tivesse uma família, eu seria acolhido, né?”.

A família cabo-verdiana é respigada por um contexto histórico que remonta os primeiros séculos da colonização portuguesa, refiro-me especificamente a influência da fé católica na moral que rege o comportamento e as dinâmicas sociofamiliares daquele arquipélago. O posicionamento religioso contra a homossexualidade e a ênfase no casamento a partir dos moldes da família de Nazaré, cria a relação família/sociedade amalgamada em valores cristãos incorporados e tencionados pela sociedade cabo-verdiana – ela preponderantemente católica (Silva; Oliveira, 2019). Possivelmente, essa é uma das explicações para a verificação feita por Sebastian:

Por que várias pessoas gay aqui em Cabo Verde não se assumem, por quê? Por causa da família. Já se sabe que não vai ser acolhido pela família, então várias pessoas

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





gays não assumem por causa disso. E, também, por causa da sociedade que não ajuda, que é sociedade muito machista. [...] sinto falta do meu pai, da minha mãe, da minha avó, porque eu cresci com minha avó, né? A minha mãe olhava de vez em quando, o meu pai de vez em quando, porque quase não vinha para cá para Cabo Verde.

Em que pese a idealização da família nuclear na conjuntura social de Cabo Verde, o que há é uma realidade distanciada de tal projeção; a dialética religiosa e social, ocasiona a ambivalência entre a ideia e o tangível na estrutura familiar daquele país. Ao exteriorizar a carência, resultante da privação do convívio em família, Sebastian demonstra a função do cuidado exclusivamente à mulher (a Avó e, às vezes, a Mãe), portanto, uma família matricêntrica (a unidade básica centrada na mulher). A presença paterna é tênue, pois o homem, geralmente, é ausentado fisicamente da rotina dos(as) filhos(as), exigindo da mulher o feito educativo, afetivo e econômico mesmo quando está na emigração. Importante sublinhar que a emigração é um fenômeno sobrelevado em Cabo Verde, com muitos(as) cabo-verdianos(as) deixando o país à procura de melhores condições de vida (Silva; Oliveira, 2019).

Sebastian, falou-me de outras exclusões que aconteceram como resposta violenta à sua homossexualidade publicizada: “[...] eu não terminei a escola, fui expulso [...] depois que eu assumi, não encontrei emprego em lugar algum. Por quê? Por causa da minha pessoa. É difícil encontrar trabalho aqui sendo *gay* [...]”. Não obstante, o desligamento forçoso da família, parece ser o mais drástico. Sebastian, ao final da nossa conversa, não desiste de apresentar sua família como ficção mítica, imaginada através de laços engendrados no desejo de se manter unido aos seus integrantes: “[...] a minha família é o meu porto seguro [...]”. Sempre que uma pessoa me critica, eu sei que eu... eu sei que, quando eu chegar em casa, vou ter meu pai para me apoiar, vou ter minha mãe para me dar um abraço, né?”.

Ele, Sebastian, termina com voz de quem pergunta. Parecia esperar de mim uma resposta. Eu, em silêncio, via, a minha frente, um homem edipiano – não ferido nos pés, mas na afetividade. Era Édipo ferido, sentindo-se “deformado” e “condenado”, ao nascer, a desejar o feminino da mãe e a aniquilar o masculino do pai (Souza, 2023). Ao fim e ao cabo, resta-lhe





suas fantasias: um pai simbólico, uma mãe de identificação e é, aqui, a virada de chave de uma leitura socioantropológica para a significação psicanalítica da família. Desta forma, “[...] a família é introduzida no cerne de uma nova ordem – a ordem simbólica.” (Chaves; Carvalho Filho, 2014, p. 102).

A fantasia da família como lugar onde se pode descansar ou encontrar proteção vem do anseio de reconquistar o paraíso perdido (Freud, 2019). O conceito de fantasia, para a Psicanálise, relaciona-se ao processo inconsciente, no qual a pessoa cria abstrações mentais a fim de satisfazer desejos e necessidades, reprimidos ou difíceis de serem cumpridos na realidade. A fantasia opera no suporte e manejo dos conflitos, traumas e frustrações, acomodando-os numa satisfação ilusória não encontrada na materialidade da vida; “[...] satisfazemo-nos constantemente com invenções fantasiadas [...], satisfazemo-nos vivendo, olhando, fruindo as fantasias dos outros. Assim, ter satisfação com [fantasias] não é algo tão estranho.”, garantiu Estevão (2021, p. 30).

Seja como for, Sebastian demonstra o quão importante é ser parte de uma família – o que, para ele, significa ter tudo. A insistência nessa máxima, em muitos momentos da entrevista, fez-me pensar que, apesar das mudanças vertiginosas e características do mundo pós-moderno, a família continua se definindo por assumir muitas das regulações (para o bem e para o mal) da vida de uma pessoa no âmbito familiar, social e individual – como é o caso das sexualidades (Bastos *et. al.*, 2015).

5. CONSIDERAÇÕES: UM ESTRANHO-FAMILIAR

As análises feitas através do “mergulho” na história de vida de Sebastian, permitiu uma correlação, em maior grau, com a história de vida de R. Bovary (Souza, 2023) e, em menor grau, com a minha própria história. Contudo, entre os três, Sebastian é o único ostracizado (banido) da comunidade familiar. Ele é um estranho-familiar, entrecortado pelo sentimento de “estranheza” e designado por angústia latente, advinda dos episódios de exclusão em família. Sebastian personifica o conceito psicanalítico de “infamiliar”, quando





abriga (em si) tanto o sentido positivo de ter sido parte de algo conhecido (sua família), como acrescenta o prefixo “in”, indicativo da semântica negativa que o tornou pessoa estranha onde esperava ter acolhimento. “Infamiliar” é, portanto, a experiência de estranheza presentificada na história de vida de Sebastian e, por consequência, sentir-se perturbado e atravessado por uma fronteira tênue entre o conhecido e o desconhecido. Em definitivo, é, como ele disse: cair fora, sair, ir embora sem partir – exilado na própria pátria, desterrado da devida terra (Iannini; Tavares, 2019).

Sebastian está sem lugar, confirmando a hipótese enunciada no início desse ensaio, isto é: as trocas relacionais na família são influenciadoras do processo da construção de si *gay*, no caso de Sebastian, no sentido da interdição (não ser). Esse dado demonstra que, na intimidade familiar, não há o suporte para uma identidade *gay* afirmativa. Ao contrário, há repulsa e hostilidade ante o olhar do Outro. A condenação amargada em família, encontra-se reverberada em exclusões e violências cotidianas situadas na sociedade cabo-verdiana.

Vale notar que Cabo Verde é um país pequeno e tradicionalmente católico – espólio de um passado colonial, cumprindo, até este momento, significativa influência na vida cultural, social e religiosa; incluindo a família, figurada como pilar fundamental do desenvolvimento e formação da pessoa (Souza; Kublikowski, 2026). Cabo Verde, a despeito de ser considerado um dos países mais tolerantes à homossexualidade da África, tem na homofobia e na discriminação à comunidade LGBTQIA+ problemas persistentes que precisam ser enfrentados.

Sebastian, ajuda a trazer à tona as sequelas da homofobia na sua existência sitiada e situada em Cabo Verde (ele não tem uma sociedade que o abrigue). Vejamos: ele (Sebastian) constrói um esboço de si calcado na ideia kafkiana de ‘aberração monstruosa’. Nasce numa família típica e “normal” de aspirações sagradas, mas, no curso do tempo, “desperta” de sonhos intranquilos, metamorfoseado na coisa “anômala”. Os familiares, boquiabertos, deflagram a vergonha sentida, expõem o ressentimento adquirido pela exposição pública e decretam a rejeição impiedosa, tornando-o um fardo demasiadamente irônico de carregar





quando confrontados à perspectiva de ser uma família bíblica que não rompe aos papéis e responsabilidades definidos a cada integrante (Kafka, 1997).

Sebastian é expulso a primeira vez quando tem a consciência de si engolida por um corpo definitivamente estranho, bestial e aberrante. É expulso pela segunda vez quando a família escolhe não lidar com a sua homossexualidade (ele não tem uma família que o abrigue). É expulso ‘de tudo’ todas as vezes que se percebe amputado da própria ordem simbólica criada para sua família (sonho edípico); uma concepção traumática de conflito existencial (Chaves, Carvalho Filho, 2014; Kafka, 1997).

Seria concebível se Sebastian, eivado por dor emocional e padecimento físico, reproduzisse o pronunciamento da cantora brasileira Nana Caymmi (1941-2025), quando – na ocasião de uma entrevista – fora indagada sobre sua família, disparou: “[...] a palavra família já é uma coisa démodé, cansativa [...]” (TVE/Brasil, 1985, n.p., grifo nossos). Para Sebastian, apesar dos pesares, a família continua sendo TUDO e, à vista disso, parece ciente do direito de construir para si uma família afetiva e social que seja reinventada para atender o seu desejo e a necessidade de ser parte de algo familiar; a família, mais uma vez, sendo reinventada (Roudinesco, 2003).

A história de vida de Sebastian, entre outras coisas, provoca-nos a pensar sobre os efeitos da ‘falta’, no sentido de ser expatriado, por ser *gay*, de algo tão basilar como a terra natal – a família. E, também, sobre os(as) homossexuais quererem ser/ter família, por isso o elogio que Roudinesco (2003) faz ao que sobrou da família como instituição, prevenindo a “queda” na horda tribal, melhor dizendo: a tribalização da sociedade. Deste modo, a família aparece como a única instituição capaz de estabelecer uma nova ordem simbólica, sobrevivendo no cemitério das demais: Igreja, Exército e Estado, afinal, graças à família, existe o “corte” que torna o homem e a mulher humano(a)s.

Há uma frase do importante escritor russo, Tolstói (1828-1910), no início do primeiro capítulo do livro *Anna Karênina* [s.d.], ali, o autor, assegura que famílias felizes se assemelham na felicidade manifesta, mas que cada família é infeliz ao seu modo. Acho que a constatação de Tolstói encontra complemento na ambiguidade da família descrita





alegoricamente por Michelle Perrot (1993): família é ‘ninho e nó’, grifou a historiadora. Especialmente para as pessoas LGBTQIA+ a família é essa comunidade complexa de ‘paz e guerra’. Em suma, a família permanece sendo um importante instrumento para a pessoa e para a coletividade, bem como o *locus* privilegiado para as relações com outros *Outros*, para a construção da subjetividade, resultando em proteção e, de modo igual, em intranquilidades.

É, portanto, a família, microcosmo dúbio da sociedade, porque pode ser refúgio na vida privada, no entanto, igualmente, conflito, intriga e toda forma de alijamento – disto, pessoas LGBTQIA+ sabem bem!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a disponibilidade de Sebastian em se expor corajosamente. Meus agradecimentos ao Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais (ISCJS) de Cabo Verde. À Fernanda Viana Lima, pelo companheirismo essencial na viagem e na pesquisa à/em Cabo Verde. Agradeço, ainda, a Heron Ferreira Souza pela leitura competente desse ensaio.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ARENAS, Fernando. Reverberações lusotropicalis: Gilberto Freyre em África 1 - Cabo Verde. **Portal Bula**, Seção: A ler, 16 maio 2010, [S.l.]. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/a-ler/reverberacoes-lusotropicalis-gilberto-freyre-em-africa-1-cabo-verde>. Acesso em: 18 fev. 2026.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa; *et. al.* Família na contemporaneidade: o caso do Brasil. In: BASTOS, Ana Cecília de Sousa; *et. al.* (Org.). **Família no Brasil**: recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba: Juruá, 2015. p. 13-17.





BASTOS, Cristiana. Aventura e rotina: um livro de meio de percurso revisitado. In: CARDÃO, Marcos; CASTELO, Cláudia (Orgs.). **Gilberto Freyre: novas leituras do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 35- 48.

CARVALHO, Alexandre. Sem “cura gay”: como Freud explica a atração entre pessoas do mesmo sexo. **Revista Super Interessante**. São Paulo, publicado em 25 mar 2022. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/sem-cura-gay-como-freud-explica-a-atracacao-entre-pessoas-do-mesmo-sexo>. Acesso em: 09 mar. 2026.

CHAVES, Wilson Camilo; CARVALHO FILHO, João Gualberto Teixeira de. A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melaine Klein e Jacques Lacan. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.41, p. 100-118, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/4410>. Aceso em: 15 maio 2025.

ESTEVÃO, Ivan Ramos. **O complexo de Édipo**. São Paulo: Aller, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

FORTES, Celeste. “Casa sem homem é um navio à deriva”: Cabo Verde, a monoparentalidade e o sonho de uma família nuclear e patriarcal. **Anuário Antropológico/2014**, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 2: 151-172. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/1425>. Acesso em: 12 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Freud, A interpretação dos sonhos (1900)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.





FREYRE, Gilberto. **Aventura e rotina**: sugestões de uma viagem à procura de constantes portuguesas de caráter e ação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

HENRIQUES, Joana Gorjão. Ser africano em Cabo Verde é um tabu. **Público**. 03 jan. 2016, Lisboa. Disponível em: <https://acervo.publico.pt/mundo/noticia/ser-africano-em-cabo-verde-e-um-tabu-1718673>. Acesso em: 03 maio 2025.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Freud e o infamiliar. In: FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 5- 17.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LOUIS, Édouard. **Lutas e metamorfoses de uma mulher**. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2023.

MOTT, Luiz. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

NAFFAH NETO, Alfredo; CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. Paradoxo, noite e mistério: os labirintos da pesquisa psicanalítica. In: KUBLIKOWSKI, Ida; KAHHALE, Edna Maria Severina Peters; TOSTA, Rosa Maria (Orgs.). **Pesquisas em psicologia clínica**: contexto e desafios. São Paulo: EDUC, 2019, p. 13-33.

PERROT, Michelle. O nó e o ninho, **Revista Veja, 25 anos**: reflexões para o futuro. São Paulo, 1993, p. 75-81. Disponível em: <https://vdocuments.mx/o-no-e-o-ninho-michelle-perrot.html>. Acesso em: 11 maio 2025.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José. Negragayjudia: três pessoas em uma (auto)biografia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 15, p. 1354-1369, 11 out. 2020. Disponível <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7796/6852>. Acesso em: 19 maio 2025.





REVISTA OWL (OWL Journal)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

ROUDINESCO, Élisabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Tradução de CEFET. São Paulo: CEFET/Produção Artística, 2001. Disponível em: <https://oficinadeteatro.com/conteudotextos-pecas-etc/pecas-de-teatro/viewdownload/5-pecas-diversas/128-entre-quatro-paredes>. Acesso em 14 maio 2025.

SILVA, Clara; OLIVEIRA, Gertrudes Silva de. Família e dinâmicas sociais em Cabo Verde: fortalezas e vulnerabilidades. **Rivista Italiana di Educazione Familiare**, n. 2 - 2019, p. 43-62 Disponível em: <https://oaj.fupress.net/index.php/rief/article/view/7566>. Acesso em: 15 maio 2025.

SOUZA, Antonio José de. Vergonha da própria existência (sim, eu tive). **Revista Memórias LGBT+Kilombola**, ed. 13, ano 8, 1º semestre de 2021. ISSN 2318-6275, p. 71-74. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/001105595e0b20266cf55>. Acesso em: 09 mar. 2026.

SOUZA, Antonio José de. **Tornar-se negrogay**: a história de vida de um homem-professor situado e “sitiado”. Curitiba: CRV, 2023.

SOUZA, Antonio José de; KUBLIKOWSKI, Ida. Configurações da conjugalidade em situação de (re)casamento em Cabo Verde: uma perspectiva sócio-histórica e decolonial. **Aposta: Revista de Ciencias Sociales**, [s. l.], v. 24, n. 110, p. e435, 2026. Disponível em: <https://revistaaposta.com/index.php/ra/article/view/435>. Acesso em: 1 maio 2024.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Karênina**. Tradução de João Netto. Mem Martins, Sintra/PT: Publicações Europa-América, [s.d.].

TVE/BRASIL. Programa de TV Contra Luz com Nana Caymmi, 1985. **YouTube**, 22 de maio de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qEbIzEAXfoI&t=864s>. Acesso em: 01 jun. 2025.

Recebido em: 05/04/2026

Aprovado em: 27/04/2026

Publicado em: 25/05/2026

Revista **OWL Journal**, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

